

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.044

Terça-feira, 18 de Abril de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa; Telefone 5339-4

Officinas de impressão — Rua da Atafina, 114 e 115

A ESPECULAÇÃO RELIGIOSA

O assombroso é o ser privilegiado de hoje, é o senhor absoluto da hora que passa. A venalidade dos políticos é enorme e a corrupção dos costumes é espantosa. As questões de ideal desapareceram ou transformaram-se em questões de dinheiro. Cada um puxa a brasa aos seus interesses, raros os que pensam no bem-estar colectivo. A crença num ideal superior de vida atravessa a história uma das suas maiores crises. A fome passou a acompanhar quem trabalha. Quem não rouba, ou não negocia, — não vive, vegeta. Aumentou o número dos que exploram o trabalho e diminuíram os direitos dos trabalhadores. Resumindo: a prostituição aumentou, a venalidade alastra, a corrupção dos caracteres tornou-se lugar comum.

Se os trabalhadores conhecessem a podridão em que vivem os que neste país detêm a riqueza e o poder, a revolta estalaria, espontânea e formidável, de morte a tal, sem necessidade de guias ou de incitamentos.

Para ocultar toda a lama, toda a podridão, criou-se uma imprensa cúmplice de governos e de capitalistas que habilmente oculta a verdade, que impinge mentiras sobre mentiras à ingenuidade dos seus leitores.

Contudo, a verdade começa a impo-
ndar-se, vai apressando-se as
almas, vai penetrando os espí-
ritos. E uma vaga certeza começa
a tocar os trabalhadores, cuja vi-
são sobre as iniquidades e podri-
dões do presente principia a aper-
feiçoar-se. Porisso surgem os tar-
tuços, arrastando-se mutuamente
punhados de lama, gritando
para a galeria, que se colocaram
ao lado do bem e que os adver-
sários estão do lado do crime.

Nesta cruzada mentirosa, que a
ninguém ilude, que a ninguém
convença, veio envolver-se o sr.
arcebispo de Évora. A sua última
pastoral refere-se a alguns dos
males da época, fala do egoísmo
dos ricos e da miséria dos prole-
tários.

Estes males requerem, no en-
tender do arcebispo, remédios ur-
gentes e eficazes. E como todos
os salvadores empíricos, ele traz
o elixir salvador, o elixir maravi-
lhoso que suaviza o mal, faz triun-
far o bem.

Para que a podridão cesse, para
que a iniquidade desapareça, ba-
sta regressar a Deus, com a con-
dição fundamental de não o fazer
sem entrar no grémio do catoli-
cismo, sem arregaçar o rebanho
obediência que está enfiado na
Roma. O arcebispo de Évora,
ensaia no fundo em salvar os opres-
sores e em retardar a hora da jus-
tiça dos oprimidos.

O catolicismo espanta a misé-
ria humana, quer dela aproveitar-
se para dominar o mundo, esca-
vizar a consciência. É mais uma
especulação que da miséria quer
aproveitar-se. Os que produzem
estão esmagados sob a pressão
forte das aterradoras realidades
económicas, mas o seu espírito
debe-se em ansias de revolta, li-
berto de preconceitos perniciosos,
de preconceitos que lhe tolham
os movimentos, lhe impediam o es-
forço libertador.

Para reduzir à impotência o
mando que trabalha, é necessário
imperar nos espíritos como senhor
absoluto. É para essa obra mal-
dita que o sr. arcebispo de Évora
trabalha. A sua pastoral indica-
claramente a quem sabe ler a lin-
guagem artificiosa dos que não ou-
sam confessar os seus monstruo-
sos objectivos.

Vem tarde, o arcebispo. A mul-
tidão dos que trabalham, não se
esquece que a religião católica
tem sido sempre pelos ricos con-
tra os pobres, pelos exploradores
contra os explorados, pelos ven-
cedores contra os vencidos.

A multidão dos que trabalham,
quando principia a enveredar pela
estrada que condiz aos seus di-
reitos, abandonou o caminho da
igreja; sabe o que lhe custou a
sua servidão espiritual para a ela
regressar, contrita.

Congresso Nacional

de

Educação Popular

Inaugurou ontem os seus

trabalhos na Câmara

Municipal

Sessão inaugural

Sob a presidência de honra do sr.
António José de Almeida, inaugurou
ontem os seus trabalhos o Congresso
de Educação Popular. O aspecto grave
e inexpressivo dos congressistas im-
pregnava o ambiente de pesada monotonía.
Pelas 17,30 horas, o sr. Alexandre Fer-
reira, em breves palavras, abriu a sessão
em nome da Universidade Livre.
O acadêmico Zagalo Fernandes fala
em nome da Federação Académica.
O sr. Agostinho Fortes disserta sobre
o futuro de um Portugal digno, sendo
muito aplaudido.
O sr. Pedro José da Cunha, reitor da
Universidade de Lisboa, faz largas con-
siderações sobre a teoria da relatividade,
fazendo uma larga biografia do sa-
bio Einstein, que defendia aquela teoria.
Fala das relações intelectuais entre Por-
tugal e Espanha, e diz depois que a vi-
agem aérea ao Brasil tem apenas um ca-
rácter científico, porisso os aviadores
que a realizam não se podem conside-
rar aventureiros.

O sr. Ernesto Navarro declara que o
sr. ministro da instrução pública não
pode comparecer, e tenta demonstrar,
num bem floreado discurso, que a re-
pública algo tem feito pela instrução,
pois o dinheiro gasto tem sido muito.
Fala no passado, no presente e no fu-
turo, dizendo depois que um homem
inculto é uma fera, pelo que é neces-
sário educar o povo para afastar as fe-
ras.

Por fim, o sr. presidente da república
leu um bem redigido discurso em que a
palavra educação aparece algumas vezes
e o conceito interessante de que o pro-
blema de educação não se resolve com
teorias sonoras, e depois de afirmar que
alguma coisa fez pela educação moral
do país, conclui por elogiar a obra da
Universidade Livre.

Finalmente, o sr. Alexandre Ferreira
encerra a sessão, marcando a próxima
para as 21 horas. E nós saímos, vindo
a pensar na triste realidade dos dis-
cursos feitos — triste depressão da men-
talidade portuguesa.

2.ª Sessão

A sessão da noite abriu às 9,30 sob a

Afirma Henri Barbusse:

“Entre matar e deixar morrer não há uma grande diferença”

Sabe-se, Henri Barbusse não é um militante sindicalista, mas sendo um escritor notável, é tam-
bém um revolucionário pelo espírito e pelo coração, que empenha o melhor dos seus esforços na defesa
da revolução russa, que, sendo pouco para os anseios de libertação que nos doveriam, é contudo como
um sol que começa a aquecer-nos, a animar-nos mais e mais para a luta final pela conquista da
grande e bela cidade, onde a justiça e a liberdade não serão uma ficção.



Doentes na enfermaria de Shikhrani; os seus corpos descarnados atestam bem os horro-
res da fome, que continuará fazendo vítimas se a solidariedade das pessoas de co-
ração, libertas de preconceitos, não se opuser à perfídia do capitalismo

São de Barbusse as palavras que seguem, escritas para servirem de prelocho editado
em favor dos famintos:

Camaradas. — Vimos mais uma vez
falar-vos dessa fome russa, de que vos
falamos desde há muito tempo. E que
desde quando nela se vos falou, ela
não tem feito senão aumentar, a
sua devastação não tem feito senão
estender-se e multiplicar-se. Vós
compreendeis e tivestes piedade,
mas a desgraça agora ultrapassa mes-
mo a vossa compreensão e a vossa
piedade. Aquilo tornou-se alguma coisa
que se pode dizer, sem dúvida, que é o
maior cataclismo do mundo; aquilo
tornou-se sobretudo alguma coisa
que não se pode dizer nada, alguma
coisa de indizível de que é preciso con-
tudo falar, pois que aquilo vive e au-
menta.

Em alguns meses, a fome que se se-
gura às últimas colheitas nas províncias
mais férteis da Rússia, tem massacrado
quinhentos milhões de criaturas. Esses quin-
ze milhões de seres não estão ain-
da todos mortos, mas eles morrerão
inevitavelmente. Não é novidade para
os nossos ouvintes, esta cifra monstruo-
sa. Tem-se já ousado confessá-lo pu-
blicamente: é o número dos soldados
mortos em quatro anos nos dez mil
quilómetros de trincheiras da grande
guerra. O verão do ano passado, que
transformou a terra em cinzas nas pro-
víncias russas do sueste, tem também
assassinado como os homens que diri-
giram a suprema contenda e como
aqueles que lhes obedeceram. E aque-
les de que nós somos, em grande nú-
mero, camaradas compreendendo isso,
entrevêm o que uma semelhante cifra
significa de amontoados de pilhas,
de cidades e de campos de cadáveres.

Esta morte avança também por va-
gas. Aquela que ela fere logo que lhe
toca, deita-se e morre, lentamente.
Para sempre condenados, eles não po-
dem escapar. Uma vez que a morte é
lançada, não mais é humanamente
possível detê-la com rapidez. E preciso
que ela desenvolva a seu gozo as suas
consequências letais: o calor, o frio, a
peste, a disenteria, o escurrito. A carni-
ficação espalha-se como o sangue, a
morte tem vindo maneiras diversas de
ser a morte.

Tais são os fatos. Não serve de na-
da chorar, malgostar, lamentar, enlou-
quecer. É preciso ser útil.

Se não se pode deter dum golpe a
morte difundida, como não se pode
impedir a dor e limitar o efeito do
coração, a dor se contém dentro do
coração. Os quinze milhões de
condenados à morte que são os homens,
as mulheres, as crianças de que a ruína
já se apressou ou marcou demasiado
profundamente para que se lhes possa
arrebatar, não são senão uma parte
das que a fome atingiu. Restam vinte e
cinco milhões de que os próximos me-
ses decidirão — de que o resto da hu-
manidade decidirá. Ainda que tardio e
ainda que insuficiente que possa ser
actualmente um socorro — ninguém pa-
rece ter sido inteiramente capaz de
compreender as dimensões do flagelo e
as exigências dos socorros — ele signifi-
ca a preservação de muitas existências.
Ele significará, se nós quisermos com
bastante força, que a fome não irá mais
longe, que ela terá cessado pelo me-
nos de crescer e de recomer, e que
as populações do Volga não cairão in-
teiramente no abatimento crescente da ago-
nia.

Certamente não dizemos, porque isso
seria injusto e mentiroso, que não tem
havido um importante movimento de soli-
dariedade a favor da Rússia, mas esse
movimento tem sobretudo brotado dos
proletariados. Quando constatamos

que se tem feito pouca coisa, temos ra-
zão, pois que uma pequena parte só-
mente dos mártires tem podido ser
salva. O número desses salvamentos é
entretanto, em si, considerável, e se-
ria animador se não fosse como que
afogado e perdido com tantas boas vo-
luntades desesperadas, na imensidade da
catástrofe. Pode ter-se a coragem de
contar aqueles que estão sal-
vos, quando há tantas mães que estran-
gulam ou sufocam os seus filhos para
não os ver agonizar; quando os estran-
geiros que voltam de lá nos dizem que
entrando nas aldeias, se descobrem in-
stantaneamente, de tal maneira é sen-
tível o grande silêncio de aniquilamento
que reina ali?

É preciso que o proletariado reco-
mece, de novo, não obstante o que ele
já fez; que ele multiplique os esforços
que ele já multiplicou — e nós sabemos
que em muitos dos casos, com que sacri-
fício! — que ele acumule os seus esfor-
ços, uns sobre os outros, que ele inven-
te outros.

Há, entre nós que escrevemos, que
falamos, e todos aqueles que colhem al-
guma coisa da nossa voz, uma massa
intermediária na qual eu tenho pensado
muitas vezes. São os nossos leitores ou
os nossos auditores habituais, o nosso
público do costume, aqueles que tem
confiança em nós, aqueles que nos se-
guem por toda a parte. É uma elite in-
terposta entre nós e os camaradas, os
amigos e os irmãos com os quais nós
não estamos directamente em contacto.
Esses fiéis representam um papel consi-
derável de propagação e de sementeira
de ideias, eles são a um mesmo tempo
público e militantes, eles são os verdadei-
ros e vivos traços de união entre os
militantes e esse grande público univer-
sal que ninguém conhece ainda bem na
época em que estamos.

Aqueles que creem na nossa sinceri-
dade e na nossa veracidade, que creem
em nós e que fazem com que os outros,
em volta, nos acreditem, eu me dirijo
neste momento, para lhes dizer:

Persuadi a todos os que vos escutam
quando falais, a todos os vossos visi-
stas, a todos que vos rodeiam, que as
ideias de justiça e de equidade que nós
pretendemos não valem verdadeiramente
alguma coisa senão porque elas são
susceptíveis de viver um dia. Não servi-
rá de nada pôr a vanguarda as distin-
ções: as mais racionais e as mais sim-

ples, como a da lei do trabalho, da ne-
cessidade de dividir em realidade o po-
der entre a comunidade universal dos
produtores, se, ao lado da alta afirma-
ção lógica e moral, se não se empenha-
re os meios de realizá-las na sociedade
actual e a esperança reflectida de que
elas se realizarão. Tudo o que se diz,
tudo o que se proclama, só é preciso
se isso deve um dia tornar-se uma lei
viável!

Encontrou-se um país entre todos, e
ao fim de tantos séculos, para transfor-
mar precisamente num preceito vivo as
ideias eternas que os antepassados não
tinham feito até aqui senão soletar
ou mostrar de longe.

A ideia da igualdade política e da fra-
ternidade organizada dos homens está
incarnada na República russa. Nas gran-
des perspectivas do futuro, quando en-
tão tudo o que é detalhe e debate super-
ficial estiver apagado, não duvidarei
de assim que se estabelecerá a comovi-
dada das coisas políticas e sociais de
hoje: o ideal republicano, o ideal popu-
lar, o ideal de uma vida numa certa
medida, no meio da terra da Rússia.

Pela primeira vez um povo se exco-
lou a si mesmo e se outorgou institui-
ções tendo as linhas grandiosas que se-
rão mais tarde as da humanidade.

A ideia vive pela Rússia e eis que a
Rússia morre!

Se a fome continua a consumir as
multidões de nossos irmãos longínquos
a sua ideia e a nossa morrerão com eles,
pois que só eles tem sabido fazer a vi-
ver e será preciso recomçar para fazê-
la renascer. É em favor do puro e sim-
ples sofrimento dum massa semelhante
e fraternal como a nossa, que é preciso
fazer apelo a todos, por um recrudesci-
mento encarnado de propagação e de
esforços. Mas é preciso também demon-
strar que não deixamos morrer o ideal,
agora que os mártires lhe tem dado o
alento. É preciso provar que aquele
que põe a angústia da fome russa acima
de todas as suas preocupações de ideias
de todas as suas preocupações pessoais,
cumpre o seu dever e tem razão.

Vós que creis que a miséria e a ruína
dos homens provém de toda uma série
de causas cuja origem primária é a fe-
rocidade do privilégio arbitrário, vós que
creis em tudo o que tem lá longe con-
servar-se de pé, defender-se e manter-se,
pensai que não há uma grande dife-
rença entre matar e deixar morrer.

O "raid" Lisboa-Rio de Janeiro

No ministério da marinha receberam-
se ontem três telegramas, um dizendo
que o hidro-avião continuava às 8 horas
no porto de S. Vicente por causa de
mau tempo, outro comunicando que às
10 horas continuava o mau tempo e o
último anunciando a partida do hidro-
avião de S. Vicente para o porto da
Praia.

O hidro-avião partiu às 15,30 de S.
Vicente e chegou às 17,15 à Praia (hora
local).

As festas da cidade em honra dos
aviadores

Sob a presidência do sr. Eduardo Mo-
reira, reuniu-se ontem nos Paços do
Concelho, a Comissão executiva da
Grande Comissão organizadora das fes-
tas e solenidades da Cidade em honra
dos aviadores portugueses Gago Couti-
nho e Sacadura Cabral, estando presen-
tes os sr. dr. Alfredo da Cunha, da
Propaganda de Portugal; Rodrigues Al-
ves Ferreira, representante do presidente
do ministério; tenente Pires da Rocha,

representando Os Sports, e Eduardo da
Cruz Guimarães, da Associação dos Lo-
jistas.

A Comissão apreciou largamente o
esboço do programa, reconhecendo a
necessidade de lhe introduzir pequenas
modificações. Assim, o fogo de artifício
será lançado no Tejo na primeira noite
de festas e o cortejo de salvação ao
chefe de Estado realizar-se-á na se-
gunda noite. Quanto ao festival infantil
o espectáculo no Jardim da Estrela ou
festas desportivas no Stadium desapare-
cerão do programa, ficando a substitui-
da ou sarau no Coliseu. Foram em se-
guida nomeadas as sub-comissões.

No cortejo e retrate militar tomará
parte a Associação de Agricultura e o
elemento civil.

A Comissão resolveu convidar, por
meio da imprensa, os mutilados da
Guerra para assistirem e tomarem parte
nos festejos, sendo-lhes reservados lu-
gares especiais.

A Grande Comissão reúne hoje, às 17
horas, a fim de tomar conhecimento dos
trabalhos da sua Comissão Executiva e
listarem-se as sub-comissões.

Na Câmara Municipal de Lis-
boa foi ontem inaugurado o
Congresso Nacional de Educa-
ção Popular, promovido pela
Universidade Livre.

Páginas gloriosas

Depois da retirada

Os operários italianos continuaram
ardorosamente a luta contra o pa-
tronato e contra a reacção

Sabe-se já que os operários italianos foram forçados a aban-
donar as fábricas que haviam ocupado. Nem por isso o seu moral foi
tam sensivelmente abalado que não prosseguissem a luta contra o
capitalismo e contra a reacção. A União Sindical Italiana continuou
afirmando o seu princípio de luta de classes, não se importando
com os revezes sofridos nem com as hesitações de organizações sem
combatividade. O documento que hoje publicamos extraiamo-lo do
relatório moral da U. S. I., no seu 4.º congresso, reunido no mês
de Março último. Da sua leitura podemos avaliar a força moral
do proletariado italiano, organizado dentro da U. S. I., que assa
sempre a luta no campo em que lhe oferecem os seus adversários.
Assim tem ele dado admiráveis exemplos de heroísmo, de sacrifício,
e de fé, e de que elevado grau é a sua educação revolucionária. São
estes exemplos dignos de meditação.

Após o abandono das fábricas
ocupadas, em Outubro de 1920,
que continham os contra-revolu-
cionários da social-democracia, ma-
nifestava-se o início da reacção
combinada do patronato, do go-
verno e dos corpos político-mili-
tares dos ex-combatentes.

Prevedendo a ofensiva burguesa
para depois da escandalosa reti-
rada proletária, a União Sindical
Italiana pôs-se logo na defensiva,
sustentando vigorosamente e com
óptimos resultados a luta contra
a ameaça de despedimentos em
massa nos vários centros de Itá-
lia, nomeadamente na Liguria,
onde as nossas forças se encon-
tram concentradas, em maior es-
cala, no campo metalúrgico. Não
foi fácil resistir às represálias do
patronato, sobretudo depois que
fracassou a resistência operária
nos estabelecimentos Fiat de To-
rino, e à guerra de guerrilhas ini-
ciada nos outros centros, especial-
mente na Lombardia, com o li-
cenciamento, em pequenas doses,
mas continuas, incessantes. Toda-
via, não se demorou nada a nossa
resistência a esta primeira fase da
reacção patronal, e pudemos im-
pedir, em muitas localidades, que
centenas de trabalhadores fossem
atirados para a inactividade.

Porém, a reacção, julgando ter
ganho com pequenos sucessos lo-
cais, principalmente com a prisão
de alguns dos nossos camaradas
e do próprio secretário da U. S. I.,
passou do campo político e es-
tendeu-se ao campo económico.
Pretendia-se inutilizar tudo, to-
mando os objectivos da U. S. I.,
que em toda a luta, em todos os
movimentos operários durante o
após a guerra, esteve sempre na
vanguarda. A prisão de Borghi
seguiu-se a breve prazo a prisão
simultânea de todo o conselho ge-
ral, reunido em Bolonha. Este pro-
cedimento suscitou a indignação
de toda a massa, do qual resultou
explodir a greve geral de protesto
em muitos centros da nossa in-
fluência.

A espontânea manifestação dos
trabalhadores preocupou extraor-
dinariamente as autoridades, que
procederam imediatamente à liber-
tação dos presos em Bolonha. De-
vido ao pronto e enérgico acto de
solidariedade de milhares e mi-
lhares de trabalhadores, o prósti-
go autoritário do governo Poli des-
cendeu um ponto. Se o exemplo fo-
re seguido pela massa confederal,
indubitavelmente tor-se-ia impe-
dido o recrudescimento das medi-
das reacção e obtido a libera-
ção de todos os nossos priso-
neiros. Mas a reacção sentia-se
forte com os futuros colaborado-
res da burguesia, aos quais osten-
tava o seu regosijo pelo esforço
desenvolvido em nosso prejuízo,
porque somos nós seus irredu-
tíveis adversários.

Apertado entre as consequên-
cias da desocupação e a reacção
policial, o proletariado foi posto
à prova mais dura, o sujeito à
eventual renúncia às recentes con-
quistas da sua luta memorável.

A esta ofensiva do patronato,
em grande escala ainda que pela
tática de guerrilhas, a União Sin-
dical julgou necessário lançar o
alarme entre a massa e incitá-la a
uma rigorosa oposição. E em três
grandes ramos industriais concen-
trou os seus esforços que em
grande parte tiveram eficácia: nas

indústrias metalúrgica, têxtil e
agrícola.

Entre os metalúrgicos impedia-
-se que os salários fossem diminuí-
dos e a perda dos direitos con-
quistados pelos operários. Na in-
dústria têxtil conseguiu-se que não
fossem alterados os salários e ou-
tras condições vigentes. Na agri-
cultura, não só se impediu a di-
minuição dos salários como se con-
seguiu o seu aumento e outras me-
lhorias.

Eis que se obteve no primeiro
período da investida burguesa.
Mas bem depressa os actos crimi-
nais, nomeadamente na Liguria,
nosos da guarda branca e do fas-
cismo patronal-agrário, pronta-
mente combatida por um movi-
mento geral da massa, deveriam
dar ensejo a provar-se duramente
a nossa força.

Debelada a fortaleza emiliana
do reformismo, o exército destrui-
dor das organizações proletárias
encarnou-se contra nós, nos nos-
sos maiores centros, que resisti-
ram maravilhosamente, com hero-
ísmo. Em Puglia, na Toscana,
na Liguria, na Umbria, na Ver-
sília e na Lombardia os nossos
camaradas bateram-se valorosa-
mente, como em alguns centros
de Emilia.

Em face dos novos processos
ferozes, terroristas da reacção
combinada entre os agrários, os
industriais e o governo, a U. S. I.
não se deixou tomar pela doce ilu-
são de que tudo passaria em breve,
antes incitou os militantes e as or-
ganizações à resistência activa;
esta seria eficaz e decisiva se se
generalizasse. Teremos talvez a
sorte dos vencidos, visto que es-
tamos isolados; mas enquanto for-
tes e estorçados, bater-nos hemo-
s sempre, em todos os nossos cen-
tros, que a reacção fascista e pa-
tronal infeste.

Porque já se conhecem suficient-
mente os acontecimentos, não
vamos fazer a sua história. Os
poucos militantes, combatidos e
incertos, honram os nossos ho-
rrois; recordemos porisso os nossos
maiores e os nossos mártires, a
memória dos quais saudamos com
respeito, em nome dos nossos ca-
maradas que ficaram na brecha,
sempre alta e imaculada a nossa
bandeira.

A nossa contra-ofensiva sobre
o patronato não era, demais, or-
gânica, metódica e extensiva a
todo o lado, pelo menos naqueles
em que a reacção se desenvolvia
mais no campo económico que no
político.

Referências

Universidade Popular Por-
tuguesa

Realiza-se hoje, na sede desta
colectividade, mais uma conferên-
cia sobre "História Popular da
Arte" sendo conferente o profes-
sor sr. Armando de Lucena.

Em seguida há sessão cinema-
tográfica educativa.

Por motivos imprevistos não se
realizam conferências noutras sec-
ções.

Congresso ferroviário

Para prosseguimento dos trabalhos,
reúne amanhã, às 21 horas, a comissão
organizadora do Congresso Ferroviá-
rio.

A CONFERENCIA DE GENOVA

A Rússia Proletária perante os Estados capitalistas

O dever do proletariado internacional

A grande crise económica que se observa pela enorme baixa das exportações e das receitas dos Estados vitoriosos e por uma grande falta de trabalho, considerável na Inglaterra e na América, força os capitalistas destes países a procurar urgentemente novos mercados e novas fontes de receita. Sob a pressão das dificuldades económicas cada vez maiores decidiram-se eles a convocar a conferência de Génova.

O facto de que os governos burgueses, apesar da sua aversão, do seu ódio contra a Revolução russa, se tenham resolvido a entrar em negociações com os comunistas é a prova mais concluyente de que uma grande crise económica mina o capitalismo europeu. A verdade é esta: o capitalismo dos dois mundos tem necessidade, para remediar uma situação cada vez mais crítica, de estabelecer as relações comerciais com cento e cinquenta milhões de russos.

Todos os homens de Estado da Entente, e em especial os da Inglaterra e Itália, viram já que a reconstrução da Europa só é possível por esse meio.

Por outro lado, a Revolução mundial só conseguiu conservar, até hoje, um único pósto avançado em face do mundo capitalista: a Rússia dos Soviéticos. Esse pósto avançado tem resistido victoriosamente aos ataques encarniçados da reacção russa e internacional.

Mas os comunistas russos, vencedores embora, mas isolados, com o seu país devastado pela guerra e pelas revoltas, têm necessidade, uma necessidade imperiosa, de reatar as relações económicas com o resto do mundo. Todos os revolucionários sensatos estão de acordo sobre um ponto: o comunismo não pode ser realizado num território limitado por fronteiras nacionais. Sustentar o contrário é desconhecer absolutamente as condições de interdependência das nações.

Embora os Estados capitalistas comprometam o êxito da conferência, com um certo número de exigências que a delegação russa afirma não aceitar, a crise económica há-de forçá-los a abastecer os mercados russos e a aceitar as condições políticas na Rússia estabelecidas.

Porém o resultado favorável das negociações entre a Rússia e os tubarões do capitalismo internacional, no que respeita ao auxílio económico de que os Soviéticos têm necessidade, dependerá em grande parte da intervenção energética do proletariado europeu.

E deve ter igualmente em conta estes dois factos: a fome — calamidade terrível que surgiu no momento preciso em que a Rússia vitoriosa da guerra civil, ia começar a erguer a cabeça — e os desejos particularmente perigosos do capitalismo europeu, que preconiza a instituição dum grande «consortium» financeiro para a exploração da Rússia, o qual será um barão lançado em volta do pescoço da República dos Soviéticos.

As possibilidades de realização do programa russo — O isolamento da França imperialista

Peça de declaração feita à imprensa russa por Tchitcherine, chefe da delegação russa, já mostramos qual era o programa do governo russo em Génova. Esse programa consistia-se nos seguintes princípios: Inviolabilidade dos direitos do Estado proletariano; reconhecimento da Rússia dos Soviéticos; cessação de toda a política de intervenção e acordos económicos conformes aos interesses das partes contratantes.

O "ABC" e o seu quadro tipográfico

A Comissão Administrativa da Associação dos Compositores Tipográficos regozija-se por saber que os compositores Manuel Joaquim Jorge Melande e Armando Atonso desistiram dos lugares que foram ocupados no quadro do "ABC", induzidos por algum que, a sós da empresa, desta revista anda pretendendo substituir os operários que saíram a quando do último movimento de greve geral. A mesma Comissão Administrativa tem conhecimento de que ainda ocupam lugar naquele quadro, traindo os tipos em litígio, os seguintes indivíduos: Leal da Silva, Pedro Duarte, Fernandes, que trabalhava na casa Franco, Abel Omeiro e Manuel de Matos, o célebre Matos, que chefe do quadro da Folha do Povo e muito conhecido no meio tipográfico pela sua baixa moral. Dirigindo o quadro ainda continua o sr. Francisco Augusto Direitinho.

De novo a Comissão Administrativa da Associação dos Compositores previne que nenhum camarada deve ir trabalhar para o "ABC", porque, a fazer-lhe, perante toda a classe, considerado traidor e impossibilitado de futuro a trabalhar noutras oficinas. Brevemente será afixado, na sede da Associação, um quadro negro.

Festas associativas

Trabalhadores Rurais de Vila Franca de Xira

Comemorando o 10.º aniversário desta Associação, realizou-se no domingo uma sessão solene que esteve muito concorrida.

Enviaram delegados, além da C. G. T., a Cooperativa União Operária, Grémio Artístico, Construção Civil e Marítimos.

As saídas, que estavam lindamente ornamentadas, foram durante o dia visitadas por muita gente da vila.

Ainda a greve do Pessoal da Carris

Para continuação dos trabalhos pendentes da última assembleia, reuniu esta classe em assembleia magna, sob a presidência do camarada Armando Martins, secretário pelos camaradas Amadeu de Figueiredo e Adelino Duarte.

O camarada presidente expõe qual a ordem dos trabalhos, dizendo que a classe deve resolver com consciência.

Usa em seguida da palavra Luís de Matos, que diz que a secção de pintura contribuirá com tudo quanto possa em prol dos demitidos. Do dinheiro próprio social, com que tinham contribuído, 10.000 por camarada reverterá em prol das vítimas da greve.

Benjamin Gomes é de opinião que todos os camaradas ao serviço devem contribuir pró-demitidos, sendo da mesma opinião Alfredo Pires e António Ferreira, que acrescenta mais que 10.000 da contribuição reverterá pró-demitidos.

O camarada Armando Martins, na sua qualidade de presidente da comissão pró-se, diz que a comissão deverá, mediante recibos, entregar todo o dinheiro que tem em seu poder aos contribuintes e estes depois que contribuíram pró-demitidos com o que entenderem.

Esta opinião foi aprovada por unanimidade. Entrando no 2.º número da ordem dos trabalhos, Armando Martins diz que esta tem por fim legalizar a situação da comissão de melhoramentos e comissão administrativa. Pede para que este assunto seja apreciado com consciência, pois que o assunto é de máxima importância.

Falam vários camaradas, sendo apresentada a seguinte proposta:

«Proporho para que as duas comissões, de melhoramentos e administrativa, continuem à frente da classe, até completa liquidação das questões pendentes, reconhecendo assim a classe, esses camaradas componentes da mesma».

Sobre esta proposta manifestam-se vários camaradas, sendo depois aprovada por unanimidade.

Em seguida é posta à apreciação uma proposta para que o pessoal demitido se apresentasse em massa, em Santo Amaro, com a comissão de melhoramentos à frente.

Armando Martins, fazendo-se substituir na presidência, declara não concordar com isso, o platonismo não dá resultado, mas se o pessoal tiver que se manifestar em massa, não em Santo Amaro, mas sim percorrer as ruas da cidade, em companhia de companheiras e filhos. O nosso grito de alarme deverá ser o de *Pão ou trabalho* e enquanto não seja dado pão ou trabalho, devemos manifestar-nos.

Cláudio dos Santos, com grande energia, escarpaliza a atitude da Carris e governo, responsáveis da miséria que a classe atravessa. Termina defendendo o ponto de vista do camarada antecedente.

Carlos Fortes manifesta-se na mesma ordem de ideias e António da Silva apresenta o seguinte requerimento:

«Requerio que se convoque com a maior urgência uma assembleia geral para apreciar as acusações feitas a diversos camaradas, quando da última greve».

Foi resolvido que esta reunião se realize na próxima quinta-feira.

A comissão administrativa do sindicato reúne hoje, pelas 10 horas, e o pessoal demitido às 17 horas.

A comissão de melhoramentos, procura hoje o presidente do ministério e o governador civil.

Nota oficiosa da comissão de melhoramentos

Tendo o sr. Alirado Baptista Coelho, director da Companhia Carris de Ferro, fornecido à imprensa uma entrevista, fomos a uma reunião e fomos a uma entrevista.

Esta comissão, e para que o público aprecie a veracidade das afirmações por aquele sr. expostas, tornar público o que segue. Declara este sr. José Maria Alvarez, vice-presidente da Associação Industrial, e Inocência Camacho, ministro das finanças do gabinete Granjo, que reconhecendo que a Companhia, com fins ocultos, tinha lançado o pessoal numa greve, defenderam connosco o pagamento dos dias que a luta durou, o que conseguimos.

So por aqui se vê, muito claramente, que a Carris quando pretende algo da Câmara Municipal, cria os seus assalariados tamanho mal estar, que os forçava a recorrer à única arma que possuem: a greve.

Como até aqui, continuamos a afirmar, e sem receio de contestação, que a Carris é inteira responsável do que até aqui sucedeu, como do que ainda estiver para suceder.

A prova mais concluyente de que a Carris tem o fim de satisfazer a sua ambição, está no seguinte: Antes da última greve, a direcção da Companhia enviou ao presidente do ministério um ofício, do qual extraímos os seguintes períodos: «Se com brevidade não se der a esta Companhia os meios de vida necessários, vamos demitir os dois operários que, quando da solução da última greve, estiveram para ser demitidos; reduzir a 70, o número de carros em circulação; licenciar grande parte do pessoal e cortar-lhe 1500 nos salários».

Qual era o objectivo da Companhia? O público que responde!

Mas há mais, e muito mais grave! A Carris chegou a pedir a intervenção do sr. ministro da legislatura!

O que afirmamos, é a expressão da verdade e caso o sr. Cunha Leal queira, poderá confirmar o que acabamos de expor.

Como até aqui está desfeita todas as artimanhas da Companhia, ainda queremos dizer que não corresponde

NO LIMOEIRO

Uma estupidez revoltante

Camarada redactor:

Os presos por questões sociais enviaram a esta redacção uma carta com o título acima, expondo a maneira aviltante como tinha sido tratada a companhia do nosso camarada Manuel Rodrigues, pelo sub-director desta cadeia sr. Presado.

Chamada, porém, a companheira do citado camarada, à presença do sr. director, desmentiu que tal tivesse sucedido, tendo o sr. director chamado para servirem de testemunhas os camaradas Arsénio José Filipe e Joaquim Gonçalves. Passados momentos, na presença do marido, tornou a afirmar serem verdadeiras as afirmações expostas nas nossa carta anterior e se afirmou o contrário por coacção, porque lhe disseram que seu marido iria para o segredo. Ao acabar de afirmar o que relatamos foi acometida dum ataque.

Como só queremos acusar quando temos uma certeza de que estamos na posse da verdade, damos o caso por liquidado, deixando às partes interessadas a resolução do assunto.

Pelos presos por questões sociais, Manuel Ramos.

Imprensa

«Diário do Comércio»

Reapareceu ontem o *Diário do Comércio*, que durante algum tempo esteve suspenso, publicando regularmente a nota do movimento diário de importação e exportação da alfândega de Lisboa, notícias e estatísticas úteis ao comércio e à indústria fora de toda a política, olhando apenas para o bem comum, conforme o artigo de apresentação do número que temos presente.

Pró-famintos russos e caboverdeanos

No Grupo Dramático de Belem, reuniram ontem vários elementos operários e delegados dos organismos operários daquela área, a fim de se angariar donativos para auxílio aos famintos da Rússia e de Cabo Verde.

Nesta reunião ficou nomeada uma comissão que irá conferenciar com o governador civil a fim desta autoridade consentir na realização dum bando precatório.

Torre de S. Julião da Barra REUNIÃO

Para tratar assuntos importantes e de carácter moral, são convidados a reunir hoje, pelas 20.30 horas, na sede do Centro Comunista de Lisboa, rua do Arco, do Marquês do Alegrete, 30, 2.º, as camaradas que estiveram presos em S. Julião da Barra (prisão dos marinheiros).

Quedas

No banco do hospital de S. José receberam curativo: José Simões Claro, de 11 anos, natural do Porto, vidreiro e residente na travessa Nova de S. Domingos, 42, que na rua de D. Esteliana deu uma queda de uma carroça, fracturando o braço direito, e Joaquim António, de 60 anos, natural de Alvega, residente na travessa do Mato Grosso, 1, A. K., que n.º Rossio deu uma queda de um eléctrico, ficando ferido na cabeça.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Reúnem hoje pelas 20 e meia horas, os corpos gerentes, pedindo-se a comparencia de todos os componentes e dos 1.ºs secretários das secções.

A este, a esse, àquele...

A todos a quem interesse comprar barato, chamamos a atenção para a abertura, que na próxima quinta-feira terá lugar, do depósito de venda dos fabricantes. Das, da Covilhã, à rua dos Fanqueiros, n.º 187, 2.º, que a exemplo do que já fazem no Porto, resolveram vender directamente ao público da capital as suas magníficas fazendas de lã e estambrado para fatos e vestidos.

Universidades, academias e escolas

Escola do Ensino Livre do Alto do Pina. — A comissão escolar convidou todos os pais ou tutores dos alunos que frequentam esta escola a comparecerem hoje, pelas 20 horas, na Secção da Construção Civil, rua Barão Sabrosa, 81, 1.º, para tratar de um caso que se prende com o desenvolvimento da instrução.

À verdade, a parte em que tal senhor diz que 114 camaradas estão suspensos por não se terem inscrito. Estão suspensos muitos camaradas nossos que se tinham inscrito; estão ao serviço outros que não se tinham inscrito. Como explica isto aquele senhor?

Para concluirmos, desmentindo tudo quanto o senhor Baptista Coelho diz, resta-nos dizer que os engenheiros chefes de serviço e encarregados, continuam como até aqui dizendo ser os despedimentos de inteira responsabilidade da Companhia.

Por hoje ficamos por aqui, porém, se necessário for, forneceremos ao público melhores elementos, por onde se poderá apreciar o que tem sido a atitude da Carris nos últimos tempos.

Lisboa, em 17 de Abril de 1922.

A comissão: — Armando Martins, Cláudio dos Santos, Antonio Carlos Raposo

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação de Calçado, Couros e Peles. — Reuniu o conselho federal na passada sexta-feira para se ocupar de vários assuntos de carácter interno, dos quais foi discutida a realização do próximo congresso, sendo resolvido que a acta de admissão dos sindicalizados ao congresso seja de 50\$ por sindicalizado, e que as datas marcadas para o congresso fossem transferidas para os dias 6, 7 e 8 de Julho. Foi deliberado elaborar uma circular a enviar a todos os organismos da indústria, dando-lhes conhecimento das resoluções tomadas.

CONVOCAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil. — São por esta forma convidados os camaradas que foram nomeados para rever as teses aprovadas no último congresso corporativo a reunir hoje, pelas 20 horas.

Federação do Calçado, Couros e Peles. — Para continuação dos trabalhos relativos ao próximo congresso corporativo, reúne hoje novamente, pelas 21 horas, o conselho federal, sendo necessária a comparencia dos delegados dos fabricantes de Vila do Conde e Sindicato Unico do Porto.

Sindicato Unico Metalúrgico. — Aviso aos electricistas. — Para um assunto urgente e inadiável, que tem de ser tratado e resolvido pelo maior número de electricistas, convidam-se a reunir hoje, às 20 horas, na sede do Sindicato, os camaradas desta especialidade da indústria.

A comissão de melhoramentos lembra a conveniência da comparencia dos electricistas, esperando que não faltem à reunião.

À mesma hora reúne a comissão de melhoramentos e a comissão pró-melhoramentos na sede, reunindo às 21 horas, a comissão da Caixa de Solidariedade, convidando-se todos os camaradas que estiveram presos a virem receber o auxílio dos restantes dias que ainda não receberam.

Carruageiros. — Reúnem hoje em assembleia geral, às 20 horas.

Sindicato U. C. Civil. — Em virtude de se efectuar hoje, terça-feira, a sessão magna promovida pela secção profissional dos pintores da C. Civil para o aumento de salário a reclamar do patronato, em face do constante aumento do custo da vida, fica por este motivo adiada a assembleia geral do sindicato que hoje se devia realizar, para amanhã, quarta-feira, 19, pelas 20 horas, a fim de a comissão de sindicância aos actos do camarada Joaquim Francisco dar conta dos seus trabalhos.

Comissão Profissional dos Pintores. — Convidam-se todos os camaradas, sócios e não sócios, a comparecer à reunião magna que se realiza hoje, pelas 21 horas, para se pronunciarem sobre o aumento de salário a reclamar.

Esperanto

A Sociedade Esperantista Operária «Lisboa Verda Stelo», realiza no dia 30 do corrente, pelas 21 horas, uma reunião no Grupo Dramático Lisboense para auxiliar esta sociedade na propaganda da lingua Esperanto, encontrando-se a venda os bilhetes para a citada festa, na sede desta sociedade, rua Antonio Maria Cardoso, 20, r. c.

Mutualismo e cooperativismo

O *Diário do Governo*, 3.ª série, de ontem, publicou os novos estatutos da Cooperativa Fabril Naval, com sede no Cais do Sol, sociedade da produção, crédito e consumo, destinada ao serviço de todas as categorias em serviço nas Direcções das Construções Navais da Corderia Nacional, dos Serviços Marítimos, dos depósitos de munições do material de guerra, e na Escola Naval.

Caixa de Pensões do Arsenal de Marinha. — Reúne hoje, às 17 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º, discussão e votação do relatório e contas da gerência de 1921 e respectivo parecer do conselho fiscal; 2.º, resolver definitivamente sobre as alterações ao estatuto; 3.º, autorizar a direcção a dispor do necessário para a montagem dos restantes serviços de contabilidade.

Cooperativa dos Estofadores. — Reúne hoje às 21 horas com a seguinte ordem de trabalhos: discussão do relatório de contas do ano transacto, parecer do conselho fiscal, eleição dos corpos gerentes e delegados à Federação.

Cooperativa Operária «A Comunidade». — Por motivo da falta de número de sócios, não reuniu a assembleia geral desta Cooperativa, devendo realizar-se nova assembleia na próxima quinta-feira, pelas 20 horas, na sede da secção da Construção Civil do Alto do Pina, para a comissão liquidatória apresentar o relato dos seus trabalhos e resolver qual o destino a dar ao saldo existente.

Campeonato Internacional de Luta

O público travou ontem conhecimento com mais um artístico lutador, o francês Fournier, que, por um vistoso «bras à la volée», tomou Leon d'Angers, após uma animada e correcta luta de parte a parte. O italiano Bouchionni recorreu a brutalidades talvez necessárias para vencer Favre, que sendo mais leve, não pareceu todavia melhor lutador. O suíço Emile Deriaz foi simplesmente espantoso, conseguindo cinturar de frente a frente e tombou em lutador belga Stroobants. Grilo constituiu, todavia, a nota sensacional da noite — a sua luta com Charley foi uma maravilhosa demonstração da sua «forma» actual. Executou uma successão de golpes nítidos e energicos, conseguindo por fim um «bras roulé», que completou com uma irresistível prisão de braço em terra.

Para hoje estão marcadas as seguintes lutas: Ghisens, holandês (estrela) contra Charley; El S. conde, espanhol, contra Stroobants; Favre contra o violento Raoul Saint Mars, Grilo contra Wilson.

Coliseu dos Recreios

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

1.º Campeonato Internacional de Luta

(4.ª SESSÃO)

Ghisens contra Charley

El Segundo contra Stroobants

Favre contra Raoul St. Mars

Wilson contra Grilo

Interessantes e engraçadas mos

números de variedades

Domingo 23-Às 15 (3 da tarde)

2.º Campeonato Internacional de Luta

sob a direcção do ilustre maestro

Ruy Coelho

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

HOJE-Às 21 (9 horas)-HOJE

A BATALHA no Porto

CRÓNICA

Continua a ser apreciada a intervenção do exército no serviço de apanha do lixo — A atitude do pessoal da limpeza em greve

Em ordem do dia, continua a discutir-se a intervenção da soldadesca nos serviços de limpeza municipal, intervenção, aliás, que ainda mais irritou os ânimos dos grevistas, conservando-se firmemente unidos. A imprensa capitalista local, por sua livre deliberação ou a pedido de entidades estranhas ao jornalismo, mas superiores em coisas de autoridade, não noticiou a impressão que causou no público o facto da tropa vir para as ruas remover o lixo, coisa que nunca se deu até agora e que só serve para desprestígio do exército... que se vai aponeando com o decorrer dos tempos.

Tem-se juntado magotes de pessoas a presenciar o trabalho dos militares, que por vezes se aglomeram nas carroças dos grupos de seis e sete, de vassouras em punho. O povo, principalmente operário, tem criticado os soldados, por eles se sujeitarem a uns serviços que não lhes pertencem e aos contrários aos regulamentos militares.

Porém, eles, um pouco embebedados, desculpam-se que são mandados superiormente e manifestam o seu receio de serem castigados. A indignação, então, sobe até aos olhos, e o alto comando, que em tais situações colocaram aqueles que foram chamados para a defesa da pátria e da lei republicana quando uma e outra estivessem em perigo. Ora a greve dos carroceiros e varredores não tomou as proporções duma invasão estrangeira nem duma conspiração solapadora contra as instituições democráticas, embora o procedimento das autoridades militares se pareça muito com uma acção monárquica. A greve dos empregados da limpeza é uma simples questão económica, devido ao constante agravamento do custo da vida, provocado pelos especuladores de toda a ordem, e a catturice maldosa dum engenheiro, Men Verdal, e dum banqueiro, Luís Marques, que ambos são os autores da célebre empreitada a \$70 a carga de lixo e mais um \$02—ohi que generoso cavalheiro! — por cada quilómetro percorrido, para compensar os que andam em locais mais distantes. O exército, neste litígio, quando muito, podia limitar-se a defesa dos hovers da Câmara, que ninguém atacava, e da decantada liberdade de trabalho, que talvez ninguém a ofendesse. Mas não: atirou-se para o lixo, e vê de frente a indignação do público, incluindo o patriota que não quer ver empurrada a farda dos seus soldados...

Quando em tempo normal, ao serviço da carroça só vai um carroceiro; pois agora são três militares que desempenham aquela missão. O carroceiro é imediatamente multado: tem de andar sempre a pé; os soldados vão na carroça, tendo-se dado alguns desastres, em consequência das bestas não estarem habituadas com os novos condutores. No regresso, a soldadesca vem toda nos carros.

A Câmara, por exemplo, alega economia, falta de dinheiro. Todavia, está agora a dispendir \$600 diários por cada carroça, visto que dois dos seus condutores, que auferem o mesmo ordenado dum carroceiro, que é o suficiente para a condução de cada carro, porque não dá então o sr. vereador o mesmo a cada humilde seu empregado?

Durante o mês, por doença ou qualquer outra circunstância, costumam faltar diversos operários da limpeza, que não recebem o salário desses dias que faltaram. No entanto, informam-nos que as folhas dos salários são metidas por completo! Para onde vai esse dinheiro? Há dois ou três meses aproximadamente, o município adquiriu um carroço, ou o que quer que é, para maior condução de esterco. Custou 9.000\$00, se não estamos em erro. Pois bem: esse veículo tão caro safu também muito pouco, sendo precisas algumas parrelhas para o tirarem, quando ele estivesse

Depois do luxuoso luto exibido pela canastrada densa e vaidosa e pelos pindéricos e snobs religiosos aristocráticos, que pelas ruas e pelos templos, suntuosamente ornamentados, mostravam qual vitrine de estabelecimento chique, os progressos dos seus vestuários e das suas pedrarias reluzentes, a par das piscadelas de olho e dos sorrisos a aureolarem senhores... secretários — veio a aléluia e a alegria para os que podem ter, visto ela não ser facultativa para toda a gente. O sino replicava festivamente; os foguetes estalavam nas alturas; os Judas de palha e de pano queimaram, porque aos estudos de carne e osso que por aí se estudam ainda não lhes chegou a hora de castigo, merecida pela ignorância do povo, e os estabelecimentos de modas e figurinos, bem como os mercados, regorjaram de compradores. Foi um dia em cheio para o comércio, que, por isso mesmo, meteu bem as garras na bolsa do consumidor.

E hoje, domingo de Páscoa, estrearam-se muitas fatiadas e consumiram-se excelentes opiparos jantares, em sinal de regozijo pela ressurreição do divino mestre, que se indignou contra os traficantes do seu tempo.

Mas a despeito da religião de amor, de fraternidade, concordia, beleza moral e mais coisas turbinadas pelo incenso dos apóstolos cristãos contemporâneos, muitos pais, muitas mães, muitos filhos, muitos irmãos, não tiveram fatiadas, amêndos, pão... mesmo sem ser de ló, chorando a sua amargura e o desprêzo a que estão lançados pela cristandade.

E talvez por isto que a aléluia foi chuvosa, e talvez por isto que a páscoa foi carregaada, foi nublada e teve as suas lágrimas, os seus choviscos, demonstrando que o tempo, encarnado no Cristo, está de mal com a farçada e com a canalha humana... Não se associou à hipocrisia enervante...

IV. A Conquista dos Velhos Sindicatos

12. A parte contra-revolucionária desempenhada, presentemente, pela burocracia dos sindicatos, o estrangulamento do movimento revolucionário da classe trabalhadora despertou em certas secções do proletariado revolucionário de todos os países o pensamento de abandonar as uniões e a criação de novas uniões, puramente revolucionárias. É esta a origem das senhas e santos «destruir as uniões» e «fora das uniões» que encontraram uma recepção um tanto favorável entre essa secção dos elementos revolu-

monstrando que o tempo, encarnado no Cristo, está de mal com a farçada e com a canalha humana... Não se associou à hipocrisia enervante...

C. V. S.

Solidariedade pró-Luís António de Carvalho e Francisco Bento da Cruz

A Comissão encarregada de conseguir donativos para os camaradas Luís António de Carvalho e Francisco Bento da Cruz, activos militantes prostrados no leito devido a lutarem com doenças pulmonares em estado melindroso, doentes, aliás, adquiridas no decorrer dos sacrifícios pela propaganda revolucionária e sindicalista, tem referido regularmente para tratar da missão para que foi incumbida. Na sua última reunião, além de outras deliberações respeitantes ao acto de solidariedade a prestar-se, resolveu tornar público aos camaradas e organizações operárias que vão ser distribuídas listas de subscrição, não só para o norte como para o sul. Atendendo à falta de recursos que os doentes estão sentindo, não só para o tratamento da enfermidade, como para sustento das suas famílias, a Comissão referida espera que seja tomado na devida consideração o apelo feito, por ser justíssimo.

Liga das Artes de Viação — Protesto contra as prisões de operários cons-cientes

Em assembleia geral, à 4.ª convocação, reúnem-se os empregados da Carris de Ferro desta cidade. Em primeiro lugar foi discutida a situação do condutor n.º 14, Abel Mota, ex-secretário da Associação e que fez parte daquela comissão de melhoramentos que defendeu o ponto de vista da Companhia Severiana, terminando por favorecer a greve da pontentada contra a Câmara e os analistas. Como prémio, já hoje está prestes a ser revisor. A assembleia domitiu-o de 1.º secretário, nomeando em sua substituição o condutor n.º 169, Madureira.

Foi discutida a perseguição que o governo tem feito ao operariado cons-ciente, sendo aprovado um protesto contra essa tirania e reclamando a libertação de todos os presos sem excepção, vítimas da reacção democrática e patronal. Ponderando a lamentável situação em que está o prestante camarada Luís António de Carvalho, que inúmeros serviços tem prestado a esta classe, de que é inteligente membro, foi nomeada uma comissão para cuidar de toda a solidariedade que lhe seja preciso prestar, agora que está enfermo devido ao seu amor, não só, de preferência, à sua corporação, mas a todo o operariado.

Também foi resolvido ceder-se a sede da Associação para o núcleo da juventude sindicalista da classe dos empregados da Carris, sendo encarecida a vantagem da organização juvenil nas lutas de reivindicação proletária.

Depois, todos os presentes se ocuparam da forma violenta e quasi sistemática como os condutores veem sendo multados por coisas fúteis, perdendo o seu dia de trabalho. Basta o carro levar mais do que a lotação, às vezes levantar um minuto, ou um passageiro não ter bilhete, quando sucede, muitas vezes, ter entrado a quando o revisor o condutor não tem tempo de lhe passar rapidamente, isto acontece devido a haver uns praticantes de revisor que, pretendendo mostrar serviços e ser depressa efectivos, não tem pejo de cometer irregularidades e injustiças. Após larga discussão, o assunto baixou à Comissão de Melhoramentos, para ele ser convenientemente estudado.

Agressões

No banco do hospital de S. José, celebraram ontem curativo, Pestal Dória Bastos, de 31 anos, natural da Giza, criado de mesa na casa de posto na rua dos Fanqueiros, 330, que ali se envolveu em desordem com outros seus companheiros ficando ferido na cabeça, e José David, de 25 anos, natural da Guarda, empregado no comércio, residente na rua Eith Cavel, 10, que foi agredido na rua Moraes Soares, ficando ferido na cabeça.

No Banco do Hospital de São José, receberam ontem curativo, Manuel dos Santos, de 26 anos, natural de Pamplona da Serra, marítimo e residente na rua da Regueira 72, que no largo do Terreirinho, foi agredido por António Maria, «O Ciganinho» que lhe vibrou uma facada no ventre.

Theatros

Primeiras

POLITEAMA. — Mulher que passa, por Kistemaekers.

Porque o nome de Kistemaekers é alguma coisa no teatro contemporâneo, mais descolado ficamos ainda com a orientação híbrida que imprimiu a peça *Mulher que passa*, que a companhia do Politeama apresentou no dia da festa duma das maiores actrizes portuguesas, Lucília Simões.

O scintilante literato belga na sua áncia de ironias tudo e todos, deturpou nesta peça intuitos e doutrinas e evaido do reaccionarismo francês que ainda agora, na conferência de Genova, se mostra bem patente, desata a abanhar a revolução russa sem um fim nobre, lembrando-se somente que hoje francos é por naturalização e que nada mais pôde ter em vista do que depreciar a obra soviética, esquecendo-se que se ela tem deficiências tem no entanto qualidades, mormente no campo da instrução para onde o espírito do dramaturgo mais sinceramente devia dirigir-se.

Kistemaekers mistura com pouca habilidade um descolorido incidente amoroso, simbolizado na passagem pela via dum socialista, duma mulher, com o carácter da revolução vermelha, não sabemos se para nos convencer de que a razão que os Comissários do Povo distribuem ao povo russo pouco vale em comparação com as prodigalidades amorosas duma princesa, cuja fortuna foi socializada, mas que por encanto pode viver a vida fantasmagórica na França rodeada de móveis ricos e cuja finança útil na sociedade se resume afinal em dar o coração aventureiro por dilettantismo político!

Kistemaekers, o autor genial das *Horas Sapparas*, o comediografo insigne da *Moral do século*, do *Dente por dente*, do *Insulto* fez nesta peça *Mulher que passa* mais do que uma obra falha de merecimento, sem conexão; fez uma obra em que só um facciosismo destemperado resalta, sem a coragem de atacar de frente a obra revolucionária russa, alfinetando-a somente e disfarçando a in fúlia com uma aventura amorosa: não difere das que todos os dias apalparam a aguar a curiosidade dos gulosos de sacrifícios feminis. Cada vez mais raros...

Confessamos o nosso espanto perante este desdoramento de qualidades dum dramaturgo cuja nomeada correu já pelo mundo. Lucília Simões teve scenas duma portemonizadora notável e Eric Braga cuja acuidade de estudo mais se acentua dia a dia, abandonando gentilmente a aridez do personagem que o seu papel representa.

Os outros artistas marcaram como puderam a sua acção, merecendo boa referência.

DEMÓCRITO

Festas artísticas

Hoje, em duas sessões, realiza, no Salão Foz, a sua festa artística, o estimado e festejado actor ensaiador Martins dos Santos, apresentando os espectáculos várias surpresas e novidades.

Nelles reaparece a gentil actriz Julieta Rodrigues, por deferência especial da nova empresa do Chiado Terrace, da qual é contratada, e que, obsequiosamente, cantará o «Fado da criada», da popularíssima Paz armada, havendo mais as atracções dos fados «Laura Costa» e «Tina Coelho» por essas gentis actrizes. «A tarantela», dançada pela graciosa bailarina Maria Amélia, um monólogo, em estreia, pelo actor José David, e a representação única de *O fado*, de Bento Mantua, que ali, há noites, obtive imenso agrado. Completa os tirantíssimos espectáculos a revista *Giga-Joga*, que está em pleno êxito e na qual o festejo interpreta vários papeis de destaque.

Reclames

Hoje, em 6.ª representação, vai à scena, no Nacional, o novo original de Ramada Curto, *Os Tenórios*, peça cujo agrado recrudescer, de noite para noite.

A obra possui um entrecho deveras interessante, que absorve a atenção dos espectadores, tendo ainda a ressaltar-lhe os méritos um esplendor conjunto de desempenho. Amanhã, em recita de moda, vai igualmente à scena *Os Tenórios*.

Se é certo que os números de luta estão levando ao Coliseu farta concor-

ência, é também certo que os trabalhos de variedades são interessantes e que deixam o público satisfeito a ponto de os aplaudir com entusiasmo. Hoje novas canções e novos baillados.

Hoje repete-se a *Ventoinha*, que tam grande sucesso causou e em que Joaquim Prata, Berta de Bivar e Alves da Cunha formam um conjunto magnífico.

A 25 é a festa de Berta de Bivar, com a «premiere» da peça de Nicodemi, *Os tubarões*, para a qual já estão bilhetes à venda.

Decididamente a empresa do Eden Teatro está em maré de sorte. A excelente revista *Talisman* continua a chamar enches sobre enches, o que não admira, pois que nunca se viu em Lisboa uma peça com uma tal riqueza de montagem e *mise-en-scene*. Hoje repete-se o *Talisman*.

Depois de amanhã, 4.ª feira, no Salão Foz, estreiar-se há, ampliando a revista *Giga-Joga*, um quadro intitulado «Por aces nuus: dantes navegados», o qual finda com uma apoteose e Sacadura Cabral e Gago Coutinho, sendo esta antecedida por uma evocação histórica, original de António Carneiro, e encitada pelo actor Oleo de Carvalho.

Hoje que no Avenida se realiza a festa de homenagem a Tito Arantes e Tomás Ribeiro Colação com a opereta *Phil-Phe*. Por estes dias *A pérola negra*.

CARTAZ DO DIA

S. CARLOS — A's 21 — «A Ventoinha».

NACIONAL — A's 21 — «Os Tenórios».

S. LUIS — A's 21 — «A Lenda dos Tarlitas».

POLITEAMA — A's 21, 30 — Mulher que passa.

AVENIDA — A's 21 — «A Phil-phi».

EDEN-TEATRO — A's 20, 30 e 22, 30 — «Talisman».

SALÃO FOZ — A's 20, 45 e 22, 30 — «Giga-Joga».

COLOISEU — A's 22, 30 — «Luta e variedades».

GIL VICENTE — A's 21 — Domingos, saguões e quintas-feiras a revista *Pim-pum-pum-pum*.

OLIMPIA (Rai dos Condes) — Animatografo.

CONDES (Avenida) — Animatografo.

CENTRAL (Avenida) — Animatografo.

CHANTECLER (Avenida) — Animatografo.

IDEAL (Loreto) — Animatografo.

PROMOTORA (no Calvário) — Animatografo.

Vendedores ambulantes

Reúni a Direcção juntamente com a comissão que promove a festa do aniversário desta Classe, que se realiza no dia 23 do corrente, sendo resolvido officiar à U. S. O., C. G. T. e F. C. para se fazerem representar nessa festa, considerando-se convidados por este meio todos os sindicatos que por lapso ou ignorância de sedes não se tenha officiado.

Atropelamentos

Recebeu curativo no banco do hospital de S. José, Angelica Teixeira, de 70 anos, natural de Lisboa e residente na rua 24 de Julho, que na mesma rua foi atropelada por uma carroça ficando ferida na cabeça.

Na enfermaria de Santo António do hospital de S. José deu ontem entrada Miguel Espinheira, de 36 anos, trabalhador, natural de Pontevedra e residente na rua José Falco, J. R. P. foi atropelado por um automóvel ficando contuso pelo corpo.

Pistola que se dispara

Na enfermaria de Santo António do hospital de S. José deu ontem entrada Manuel João, de 38 anos, trabalhador, natural de S. Bartolomeu de Messines e ali residente, que ao examinar uma pistola a arma se disparou, indo o projectil alojarse na perna direita.

Rendimentos dos operários

Na enfermaria de Santo António, do hospital de S. José, deu ontem entrada Joaquim Moraes, de 70 anos, trabalhador, natural da Póvoa de Santo Adrião e residente em Loures (Vila Ponce) que ali caiu numa pedreira, ficando ferido na cabeça.

Trabalhadores: Lede e propagai A BATALHA

«A Voz do Operário»

Aos sócios auxiliares

Tendo o ministro do interior, alcançado aos pés a lei que rege as associações, mantendo-lhes o carácter de independência, proibido que a *Voz do Operário* modificasse os seus estatutos, quando as assembleias gerais assim tinham resolvido, a comissão de sócios auxiliares que elaborou a lei, não se conformando com essa decisão, que considera arbitrária, resolveu dar conta dos seus actos numa reunião pública, que se realizará na próxima quinta-feira, pelas 20 horas, na associação de classe dos empregados de escritório, rua da Madalena, 225.

São convidados a assistir a essa reunião todos os sócios auxiliares de *A Voz do Operário* que entendem que a Sociedade deve ser mais alguma coisa que um simples agencia funerária, encarregada de fazer os enterros aos sócios.

Morte súbita

Na morgue-deu ontem entrada Francisco Gomes da Silva, trabalhador da Exploração do Porto de Lisboa e residente na rua Possidódio da Silva, 1-joia, que quando andava trabalhando foi acometido de uma congestão, tendo tido morte instantânea.

Sem assistência

Na Morgue deram entrada Luis Rafael Rodrigues, de 44 anos, trabalhador natural de Valença do Minho e residente na Travessa da Boa-Hora, 35, 1.ª, e Joaquim Garrido, barbeiro, residente na rua Vieira da Silva, 16, joia, que faleceram sem assistência.

Horários dos comboios

Linha de Sintra

Partidas do Rossio para Sintra às 6-11

7-3, 8-3, 9-3, 10-3, 12-3, 14-3, 17-3, 18-3

18-45, 19-30, 22-10 e 0-35.

Chegadas no Rossio às 7-35, 11-37, 14-5, 15-15, 18-35, 19-30, 21-3, e 1-45.

Partidas de Sintra às 6-27, 8-30, 9-27, 12-10, 14-30, 18-27, e 23-25.

Chegadas no Rossio às 7-30, 9-22, 10-22, 13-10, 17-25, 21-30, e 0-25.

a) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

b) Não se effectua nos dias de festas feriadas.

c) Não se effectua nos sábados.

d) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

e) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

f) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

g) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

h) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

i) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

j) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

k) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

l) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

m) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

n) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

o) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

p) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

q) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

r) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

s) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

t) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

u) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

v) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

w) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

x) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

y) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

z) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

aa) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

ab) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

ac) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

ad) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

ae) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

af) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

ag) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

ah) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

ai) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

aj) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

ak) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

al) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

am) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

an) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

ao) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

ap) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

aq) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

ar) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

as) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

at) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

au) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

av) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

aw) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

ax) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

ay) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

az) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

ba) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bb) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bc) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bd) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

be) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bf) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bg) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bh) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bi) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bj) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bk) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bl) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bm) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bn) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bo) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bp) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bq) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

br) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bs) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bt) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bu) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bv) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bw) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bx) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

by) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

bz) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

ca) Não se effectua nos domingos e dias feriados.

